

## **COLÉGIO PEDRO II**

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura  
Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais

Victor Tufani Nunes

**CONTRIBUIÇÕES À PRÁXIS DOCENTE:  
Abordagem tática sobre gênero e artes visuais**

Rio de Janeiro  
2022



Victor Tufani Nunes

**CONTRIBUIÇÕES À PRÁXIS DOCENTE:  
Abordagem tática sobre gênero e artes visuais**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Professora Ma. Raquel Teixeira de Souza.

Rio de Janeiro  
2022

**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**  
**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**  
**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

N972 Nunes, Victor Tufani

Contribuições à práxis docente: abordagem tática sobre gênero e artes visuais / Victor Tufani Nunes. – Rio de Janeiro, 2022.

16 f.

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Raquel Teixeira de Souza.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Gênero. 3. Sexualidade. 4. Práticas pedagógicas. I. Souza, Raquel Teixeira de. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Victor Tufani Nunes

**CONTRIBUIÇÕES À PRÁXIS DOCENTE:  
Abordagem tática sobre gênero e artes visuais**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Professora Ma. Raquel Teixeira de Souza (Orientadora)  
PROPGPEC / Colégio Pedro II

---

Professora Dra. Luísa Mendes Tavares  
PROPGPEC / Colégio Pedro II

---

Professora Dra. Renata de Oliveira Gesomino  
PPGARTES / UERJ

Rio de Janeiro  
2022

## CONTRIBUIÇÕES À PRÁXIS DOCENTE EM ARTES VISUAIS

Victor Tufani Nunes

**Resumo:** Este artigo propõe uma análise crítica da cultura contemporânea, com especial atenção ao ensino de artes, a fim de contribuir para a elaboração de abordagens e práticas pedagógicas que efetivamente concorram para a formação crítica, política e criativa dos estudantes, mediante a exposição de alguns aspectos metodológicos do materialismo histórico-dialético, de uma breve análise das formas de luta emancipatória e da proposição de abordagens táticas em gênero e sexualidade a partir das obras de Martine Gutierrez e Sunil Gupta.

**Palavras-chave:** práxis; tática; ensino de artes visuais; gênero; sexualidade.

## CONTRIBUTIONS TO THE PRAXIS IN VISUAL ARTS TEACHING

**Abstract:** This article proposes a critical analysis of contemporary culture, with special attention to the teaching of arts, in order to contribute to the development of pedagogical approaches and practices that effectively contribute to the critical, political and creative education of students, by exposing some methodological aspects of dialectical materialism, a brief analysis of the forms of emancipatory struggle and the proposition of tactical approaches to gender and sexuality based on the works of Martine Gutierrez and Sunil Gupta.

**Keywords:** praxis; tactics; visual arts teaching; gender; sexuality.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Indigenous Woman (a).....	10
Figura 2: Indigenous Woman (b).....	10
Figura 3: Indigenous Woman (c).....	10
Figura 4: Indigenous Woman (d).....	11
Figura 5: Indigenous Woman (e).....	11
Figura 6: Roger & Steve.....	12
Figura 7: Pas & Brian.....	12
Figura 8: Sue & Yve.....	12
Figura 9: Lovers (a) .....	12
Figura 10: Lovers (b) .....	12

*O lugar da tática é o espaço do outro, imposto, organizado e vigiado por uma força estranha. [...] Ela deve aproveitar cada fissura aberta na vigilância dos poderes dominantes. Ali, ela deve caçar, emboscar. Deve surgir onde menos se espera. A tática deve ser um artil malicioso.*

Michel de Certeau

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma análise crítica da cultura contemporânea em face do avanço do neoliberalismo, com especial atenção ao ensino de artes, a fim de contribuir para a elaboração de abordagens e práticas pedagógicas que efetivamente concorram para a formação crítica, política e criativa dos estudantes.

Parte indispensável do cotidiano dos educadores diz respeito à administração dos chamados temas transversais, que envolvem valores fundamentais associados à formação cidadã das crianças e jovens — aspectos éticos, políticos, ambientais, subjetivos, identitários e relacionados à atividade produtiva e relações interpessoais.

Cumprir ao educador a tarefa de abordar esses temas, não apenas quando espontaneamente suscitados pelos estudantes, mas sempre que se ofereça a chance de contextualizá-los à teoria e prática de cada área do saber; e de incentivar a formação de competências a eles relacionadas, de forma responsável e coerente com as demandas contemporâneas e a realidade em que os estudantes se inserem. Para tanto, é preciso que a formação do educador seja continuada, e que este assuma uma posição de permanente investigação e crítica da realidade social.

Toda vez que essa tarefa é rechaçada ou menosprezada por educadores que, por qualquer razão, assumam uma posição pretensamente imparcial, politicamente desinteressada ou francamente reacionária, a escola adquire imediatamente um caráter farsesco (FREIRE, 2011, p. 91): é destituída de sua função, rebaixando-se a aula a um quefazer mecânico e doutrinário que, malgrado pareça ensinar qualquer coisa, somente ocupa o tempo dos estudantes com procedimentos que reforçam e reproduzem as diversas contradições sociais que a educação deve, ao contrário, ajudar a superar.

No caso das artes visuais, a suspensão do debate franco sobre as diversas questões subjetivas e sociais comunicadas nos espaços de ensino e aprendizagem não apenas termina por fazer da aula uma espécie de recreação sem maior sentido e impacto na vida e no desenvolvimento dos estudantes, como inviabiliza o andamento da matéria em sua normalidade, uma vez que a produção artística está diretamente associada às questões da interpretação, reprodução e invenção da vida — questões que não se pode ignorar quando da análise da produção humana ao longo da história.

O que se propõe neste artigo, no entanto, não é revisitar as consequências da ênfase ou do abandono das questões transversais em arte-educação ou em outras disciplinas que, porventura, pareçam guardar uma relação menos explícita com a questão social, nem

argumentar em favor da sua abordagem, tendo em vista que a apresentação e fundamentação desses temas integra os parâmetros curriculares nacionais, constituindo já parte obrigatória do trabalho do educador.

Voltamo-nos aqui às questões de ordem metodológica, ora tratadas como “táticas” (MIRZOEFF, 1999, p. 8), relacionadas ao saber-fazer educativo em tempos de crise estrutural do capitalismo, de intensa disputa no campo da comunicação e de extraordinária aceleração do processo de produção de imagens.

Para tanto, é preciso, inicialmente, localizar alguns aspectos críticos do capitalismo em seu atual estágio de desenvolvimento e identificar a sua relação com a cultura visual e o processo de ensino e investigação das artes visuais.

## **2. ANÁLISE HISTÓRICO-MATERIALISTA DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

A elaboração tática do ensino comprometido com o desenvolvimento crítico individual de cada estudante e o progresso social coletivo pressupõe o conhecimento das *contingências materiais* em que se dá a própria atividade educativa — o que somente será possível através de sucessivas aproximações à estrutura social.

Uma prática educativa que não leve em consideração o lugar da escola na estrutura socioeconômica a que ela corresponde pode, na melhor das hipóteses — isto é, se o seu agente for um educador competente e progressista — servir para a fabricação de posturas e discursos, embora bem-intencionados, idealistas e descolados das reais possibilidades de invenção e transformação prática do cotidiano. Por isso, é fundamental, para a investigação no campo das artes e cultura visual, partir da análise estrutural em direção ao campo de realização do saber e do fazer simbólicos.

Segundo Althusser (1974), as sociedades modernas organizam-se em função de duas categorias articuladas entre si, chamadas de infraestrutura e superestrutura. A explicação pormenorizada de cada uma dessas categorias demandaria um estudo mais extenso do que este artigo. Mas, para partirmos de uma noção preliminar, podemos dizer que à infraestrutura corresponde o conjunto das forças e relações produtivas de uma dada sociedade, e à superestrutura, os aparatos repressivos e ideológicos de Estado.

As artes, a comunicação, a cultura, além da própria educação, inscrevem-se nessa última categoria, especificamente no rol dos aparatos ideológicos. No entanto, é importante esclarecer que essas não são categorias estanques ou independentes. Há, entre a infraestrutura econômica e a superestrutura, uma relação de interconstituição e interdependência, o que significa dizer

que não é possível, numa sociedade cuja forma de produção seja capitalista, a ocorrência de uma cultura, de uma escola ou de uma prática pedagógica *exteriores* à sua lógica de funcionamento. O desenvolvimento das relações sociais e o desenvolvimento das forças produtivas, sendo ambos fenômenos históricos, guardam sempre certa coerência:

As relações sociais estão intimamente ligadas às forças produtivas. Adquirindo novas forças produtivas, os homens mudam seu modo de produção e, ao mudar o modo de produção, a maneira de ganhar a vida, eles mudam todas as suas relações sociais. O moinho movido pelo braço humano nos dá a sociedade com o suserano; o moinho a vapor nos dá a sociedade com o capitalista industrial. Os mesmos homens que estabeleceram as relações sociais de acordo com sua produtividade material produzem também os princípios, as ideias, as categorias, de acordo com suas relações sociais. (MARX, 2009, p. 125)

A assunção desse princípio de coerência entre o modo de produção e as relações sociais é um primeiro imperativo para a análise materialista da sociedade, da dimensão da tarefa educativa e, principalmente, dos seus limites. A razão por trás desse princípio é relativamente simples, e está na determinação ontológica das relações: a célebre afirmação de que “as ideias dominantes são as ideias das classes dominantes em cada época” (MARX; ENGELS, 2007, p. 47), por exemplo, serve para explicar que a classe social que detém o controle hegemônico dos meios de produção material vai necessariamente dirigir o rumo, as características dessa produção, a seu próprio favor, até o ponto de domínio em todas as esferas da vida: “a força material dominante é, ao mesmo tempo, a força espiritual dominante” (ibid.). Não é possível menosprezar essa correlação sem se distanciar da realidade social e histórica.

De forma alguma, entretanto, deve-se pensar nessa relação complementar como um fator de imobilismo social ou de inviabilização da mudança; é o próprio Marx (2011, l. 14691) que esclarece que, embora as forças produtivas e as relações sociais apareçam (em seu tempo e no nosso) “somente como meios para o capital”, elas também “constituem as condições materiais para fazê-lo voar pelos ares”. O emprego da tática serve justamente à exploração refletida e organizada dessas condições.

A burguesia nem sempre foi a classe dominante: foi preciso que, nas sociedades do Antigo Regime europeu, ela acumulasse poder econômico suficiente para disputar, a partir daí, outros campos do poder, notadamente o político, contra as tradições nobiliárquicas herdadas das sociedades feudais. O fator determinante para o ciclo de revoluções sociais que destituiu a

aristocracia na Europa e fez a burguesia saltar da plebe ao posto dominante foi uma diferença no *ritmo* de desenvolvimento entre as forças produtivas e as relações sociais:

Isso ocorre porque as forças produtivas se desenvolvem continuamente. Logo, [...] contrariam as relações de propriedade e dominação típicas [...]. Essa contradição provoca crises sociais que impelem a mudanças nas relações de produção. (HAN, 2018, p. 14)

Pode-se dizer que as relações sociais e as forças produtivas complementam-se numa forma de *antítese* em que a última tende ao avanço indefinido (porque dá conta de reproduzir as necessidades materiais da existência humana, sempre renovadas), enquanto a primeira tende à estagnação necessária à conservação do *status quo*, da perpetuação do controle de uma determinada classe dominante que, para permanecer em seu lugar de privilégio, estabelece o domínio da superestrutura, moderando o grau e a qualidade de seu desenvolvimento e determinando quais devem ser os comportamentos, atitudes, identidades, ideias, discursos e práticas culturais, artísticas etc. aceitáveis ou não. É evidente que, conforme as relações se complexificam, também as contradições se agudizam mais uma vez, estabelecendo o germen da próxima fase revolucionária.

Uma diferença fundamental, no entanto, entre a passagem da sociabilidade feudal à moderna-industrial, descrita por Marx, e a sociedade contemporânea do capitalismo neoliberal, é que nas sociedades capitalistas o lugar das classes sociais é muito mais *líquido*: a rigidez dos estamentos sociais feudais contribuiu para a inevitabilidade do seu desaparecimento, o que não se verifica até agora no capitalismo, em que as classes em luta sofrem sucessivas mutações que acompanham as mudanças do próprio modelo econômico, fazendo escapar para o futuro a resolução da antítese entre as forças produtivas e relacionais. O trabalhador de hoje não é mais o proletário descrito no século XIX, assim como o capitalismo contemporâneo não é mais o capitalismo industrial de outrora: “O neoliberalismo, como mutação do capitalismo, transformou o trabalhador em empreendedor”. (ibid.) Essa característica camaleônica do modo de produção cumpre papel fundamental para a capacidade que o capitalismo tem de se perpetuar até o presente. Todavia, essa aparente estabilidade não indica a inexistência ou superação das contradições: ela se manifesta às custas do assujeitamento cada vez mais violento das classes subalternizadas, que são sistematicamente destituídas dos meios de controle sobre a própria vida e submetidas a processos de alienação, precarização e embrutecimento que agravam o mal-estar social e estão na origem de diversos males da nossa época: a depressão, a ansiedade, o

ressentimento, o narcisismo e a dessensibilização — que corresponde, inclusive, à perda da capacidade de gozo estético, fundamental para o nosso campo de estudos. Mais uma vez, fica explícita a relação dialética entre as diversas categorias que integram o conjunto da sociedade:

[...] sujeito e objeto são dois polos de uma relação de influência recíproca que se constitui como uma totalidade, e que só teoricamente pode ser separada. Nesse sentido, a relação estética do indivíduo [...] com a realidade não se nutre apenas da sensibilidade dos sentimentos, ainda que esses sejam importantes. Consciente ou inconscientemente, o artista toma posição ante o contexto histórico que representa. (TROJAN, 2016, l. 2835)

Retornamos, assim, à afirmação inicial de que, sem a avaliação do contexto histórico, social e econômico em que a escola e o ensino se inscrevem, na pior das hipóteses rebaixa-se a atividade educativa ao nível da doutrinação ou da simples reprodução da técnica, e na melhor, dá-se uma forma de estetização da política (BENJAMIN, 2018) que nega qualquer possibilidade de transformação efetiva da realidade social, restringindo os saberes ao campo discursivo, à mera exortação ou ao ativismo estéril.

É importante frisar que não há, para o analista materialista, uma categoria mais ou menos importante para o processo de transformação e inclusive para o cumprimento da destinação social da educação e da arte. Essa interpretação equivocada foi muitas vezes repetida em função de uma leitura vulgar da filosofia marxiana, e reforçada por muitos detratores do materialismo histórico e dialético (PAULO NETTO, 2011). Afirmamos que atribuir importância exagerada ou absoluta às capacidades inventivas, às utopias, às sensibilidades dos indivíduos não basta; mas também não seria possível operar transformações na estrutura econômica sem o progresso das demais esferas da vida social, e sobretudo sem a formulação de ideias, sem o desenvolvimento das capacidades de leitura do mundo, sem abstrações e teorias que se aproximem, da melhor forma possível, das categorias que se quer criticar e transformar. Não há nenhuma teleologia, nenhuma contingência que leve *necessariamente* ao progresso revolucionário, e nenhuma revolução da economia ou da política que se concretize sem o trabalho prévio da cultura. Todos esses aspectos são constitutivos do *todo* dinâmico: “O que distingue o materialismo (de Marx) da ciência burguesa não é a predominância das causas econômicas, mas o ponto de vista da totalidade”. (LUKÁCS, 1974, p. 14)

Outro aspecto que merece esclarecimento diz respeito à consciência e ao efetivo poder de agência das classes dominantes. O fato de a classe proprietária, isto é, a burguesia, dirigir de

maneira hegemônica todas as estruturas da vida social não quer dizer que ela constitua, por isso, uma casta todo-poderosa. Para além do poder (relativo) das classes subalternas, imposto cotidianamente na luta de classes, há um segundo fator que se superpõe ao poder de manobra das classes dominantes: nas sociedades modernas, é o próprio processo de reprodução do capital.

Para Marx (1998), os agentes das sociedades capitalistas estão sujeitos a uma forma de alienação particular que não se expressa como estranhamento ou incompreensão dos processos produtivos e sociais em sua totalidade, como ocorre com as classes subalternas, mas como uma perda do poder de agência esperado, uma vez que, com o advento da sociabilidade capitalista, todos os aspectos socio-simbólicos da vida (a família, a religião, o trabalho, a arte etc.) são desterritorializados e imediatamente reterritorializados na economia (POLANYI, 2012). A meta central da sociedade deixa de ser o bem-estar de uma classe social em detrimento das outras, e passa a ser o processo de reprodução do próprio capital. A burguesia não vive mais para si, mas para o capital. O aprendiz de feiticeiro de Goethe<sup>1</sup> forneceu a Marx a melhor alegoria para a sua categorização dessa sociedade: Uma em que seus agentes perdem o controle sobre o próprio feitiço (MARX, 1998, p. 45). Resta a eles reprimir, pela via ideológica, o medo do monstro que criaram: “os possesores não querem saber o quão profundamente estão possuídos”. (BERMAN, 2007, p. 99)

A compreensão deste último aspecto é fundamental para reforçar que, malgrado o desenvolvimento avassalador do complexo industrial-militar que serve à defesa do sistema capitalista contra qualquer investida das forças opositoras, e o fato de ser mais fácil, hoje, imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo (FISHER, 2020), a possibilidade de explorar taticamente as fissuras desse modelo socioeconômico sempre existe.

Levando em consideração o encadeamento entre a prática educativa e a realidade social mais ampla em que essa se realiza, propomos a seguir um breve exemplo de abordagem tático-metodológica para o ensino de artes visuais, num contexto de crise estrutural do capital, em âmbito global, e de ofensiva da extrema-direita no Brasil.

---

<sup>1</sup> Personagem do famoso conto de 1797 escrito por Goethe, intitulado *Der Zauberlehrling* (O Aprendiz de Feiticeiro).

### 3. DA “IDEOLOGIA DE GÊNERO” AO ESCOLA SEM PARTIDO: A GUERRA PROLONGADA DAS ESQUERDAS E A GUERRA HÍBRIDA DAS DIREITAS

Em 1937, o império japonês, então aliado ao nacional-socialismo alemão, invadiu a China, dando início à segunda guerra sino-japonesa, que se prolongaria até 1945. Os chineses, com a indústria muito menos desenvolvida e divididos numa disputa fratricida pelo controle político, capitularam e ficaram à mercê forças estrangeiras, com parte de suas lideranças apoiando a submissão ao projeto japonês de criação de um Estado tampão.

Uma vez que as intenções japonesas eram claras, sobretudo após a assinatura, junto aos nazistas, de um pacto<sup>2</sup> destinado a combater os avanços socialistas na Ásia e na Europa Oriental, os comunistas chineses uniram-se a facções do partido nacionalista (seu antigo adversário) e lançaram mão da tática conhecida como guerra prolongada (MAO TSÉ-TUNG, 2019): Uma guerra de resistência de longa duração, como sugere o nome, travada em desvantagem, e que deveria contar com o apoio interno de uma frente ampla contra os agressores, e externo, da parcela dissidente da própria população japonesa.

Se, por um lado, os chineses sob ataque buscavam repelir seus agressores mediante uma ampla aliança solidária de resistência entre todos os oprimidos, mesmo aqueles que, em tese, pertenceriam ao campo adversário; as autoridades japonesas, tal como fazia a Alemanha nazista, buscavam minar esses laços de solidariedade empreendendo uma guerra híbrida que contava com intensa mobilização de meios técnico-propagandísticos (ADORNO, 2020, p. 54), incluindo filmes, programas de rádio e, no caso japonês, até o mangá<sup>3</sup>, além de “projetos” pedagógicos como o *Shinmin no Michi* (MILLER; VANDOME; MCBREWSTER, 2010), manifesto publicado pelo ministro da educação que comunicava à população, desde as crianças em idade escolar, o que dos japoneses era esperado “como povo, nação e raça” (DOWER, 1986): a obediência, empenho e participação no projeto expansionista encabeçado pelas classes dominantes.

Essa brevíssima digressão serve para ilustrar certa dinâmica particular em torno das demandas por igualdade, incluindo-se a de gênero e orientação sexual, temas transversais descritos nos parâmetros curriculares nacionais: A retórica conservadora — muitas vezes ecoada por supostos liberais — tende a vulgarizar o debate sobre a busca por igualdade de direitos e tratamento falando em “polos opostos”, “extremos igualmente radicalizados”, quando

---

<sup>2</sup> Trata-se do Pacto Anticomintern de 1936.

<sup>3</sup> “Norakuro” foi um mangá publicado pela primeira vez em 1931, contando a história de um personagem antropomórfico que combatia o “exército dos macacos”: uma referência aos chineses que impunham resistência ao império japonês na Manchúria, antes do início da guerra sino-japonesa.

o que se verifica à luz da história é um repetido embate entre forças libertárias, de ânimo inclusivo, que se apoiam na perspectiva de solidariedade e democracia, mesmo em suas vertentes mais radicais, como o comunismo; e forças reacionárias animadas por um sentido imunológico de existência (HAN, 2017), em que não há espaço para a diferença. Aqui, a tática de subjugação pouco muda, seja o inimigo preferencial o comunista, o judeu, o negro ou o homossexual.

Nesse contexto, socialismo, anti-imperialismo, feminismo e as demandas étnico-raciais e da população LGBTQIA+ encontram-se definitivamente entrelaçados. Somente uma forma social estruturalmente diferente do capitalismo poderia superar a simples perspectiva de “tolerância” liberal-progressista e acolher as diversas subjetividades e identidades ora oprimidas e perseguidas que, sem um revolucionamento da forma política e econômica, sobretudo sem a transferência do poder hegemônico às forças interessadas na transformação radical do modelo, serão alvo permanente da guerra híbrida (ideológico-informacional) que se arrasta indefinidamente e confina parte da população à condição de cidadãos de segunda classe, privados de direitos e permanentemente sujeitos à violência, ao apagamento e à discriminação.

Rogério Diniz Junqueira (2019), sociólogo que investiga as relações de gênero e pedagogia, encontra a origem do sintagma “ideologia de gênero” numa formulação católica: mais especificamente, na doutrina teológica do corpo e da complementaridade (entre homem e mulher) resultante da radicalização do discurso oficial anticomunista e antifeminista da igreja nos anos 1990, sob o pontificado de Karol Wojtyła, o papa João Paulo II.

A doutrina da complementaridade, como outras formulações reacionárias, apropria-se do sentido de guerra prolongada *invertendo-o*. Incorpora a resistência pela perspectiva da extrema-direita, que supostamente se sentiria ameaçada pelo aprofundamento democrático, pela conquista de direitos civis e liberdade sexual, pelo avanço do feminismo e do relativismo cultural. Como Adorno (2020) afirma em um de seus ensaios sobre o tema, é comum que a extrema-direita de todas as épocas confunda a ameaça ao seu projeto particular de sociedade com uma ameaça geral contra a humanidade, no que ele chama de “uma transfiguração da teoria marxista do colapso”<sup>4</sup>. Acabar com a unicidade da forma heteronormativa de família,

---

<sup>4</sup> A teoria marxista do colapso refere-se à agudização das contradições internas do capitalismo, em função da acumulação crescente de capital, que formaria bolsões de pobreza em brutal contraste com uma minoria de super ricos. As disputas e conflitos decorrentes dessa contradição constituiriam o principal fator de desagregação do modelo capitalista de produção, de maneira semelhante às condições que propiciaram o ciclo de revoluções burguesas a partir do século XVIII. A interpretação reacionária sobre o fenômeno é de que a destituição dos privilégios e hierarquias significaria não uma mudança estrutural, mas o colapso da sociedade como um todo.

umbilicalmente conectada ao modelo capitalista e à propriedade privada, corresponderia, nesse sentido, a acabar com a própria perspectiva de perpetuação da espécie humana.

As frações reacionárias das classes dominantes e subalternizadas reagem, então, propondo o ataque permanente às pautas progressistas, em busca de um resgate da supremacia racial (obviamente branca), de gênero (cis-masculina) e de orientação heterossexual — devidamente mitificadas, dado que são valores de um passado romântico, em que os papéis sociais eram mais claros e definidos, sem que os oprimidos se rebelassem contra a ordem biológica e divinamente estabelecida. Sabemos que, com tremenda facilidade, essa perspectiva de retorno e purificação adquire contornos extremamente violentos e autoritários, com a perspectiva de eliminação física dos corpos considerados desviantes.

Diniz Junqueira também explica que a propagação dessa cruzada contra a diversidade de gênero e sexualidade compreende uma etapa de ocultamento da própria origem religiosa. Para evitar que sua retórica seja percebida como fanática e tradicionalista, o que a confinaria aos guetos ideológicos de extrema-direita, seus partidários apostam na propaganda alarmista, acusando principalmente militantes, artistas e educadores de atentarem contra os valores familiares e a inocência das crianças. Em sintonia com o neoliberalismo, atuam em favor da corrosão da esfera pública por interesses privados. A escola sob ataque deve converter-se num *self service* ideológico. Iniciativas como o “Escola sem partido” não tem real preocupação nem conhecimento sobre supostos atos de doutrinação — são legatários diretos do catecismo antifeminista e heteronormativo, com verniz universalista: movimentos que encarnam a luta fratricida no campo de disputa da superestrutura ideológica e organizam grupos de pais e responsáveis a fim de perseguir professores e interferir no currículo e nas políticas institucionais das escolas.

#### **4. ABORDAGENS TÁTICAS: GÊNERO E ARTES VISUAIS**

Em nossos tempos, em que a tendência à visualidade encontra o seu auge (MIRZOEFF, 1999), a profusão de imagens cumpre um duplo papel: pode até ter dificultado a invisibilização de corpos desviantes, mas certamente facilitou a identificação do “inimigo” nos espaços dominados pela extrema-direita. Quanto mais se exacerba, em sentido visual, a tomada de posições, a associação a determinados grupos e a promoção de identidades, mais se antagonizam os campos em disputa. O caráter gregário das redes sociais, que formam bolhas de conteúdo e interesses calculados através de algoritmos, catalisa esse processo.

Por isso, as obras de Sunil Gupta e Martine Gutierrez, aqui propostas como exemplo tático-pedagógicos, podem servir como potentes vetores de estímulo ao debate sobre gênero e sexualidade, no conjunto dos temas transversais, justamente por retratarem corpos triviais, que se revelam por completo apenas através das narrativas a eles associadas pelos artistas. A visualização desses corpos insuspeitos pode ajudar a suspender, ainda que temporariamente, a predisposição reacionária, e refazer uma espécie de gradação apagada pelo radicalismo imunológico, que, à primeira vista, identifica, rotula e rejeita o diverso.

#### 4.1. Frivolidade e desvio em Martine Gutierrez e Sunil Gupta

Martine Gutierrez é uma artista norte-americana que, em 2018, elaborou uma publicação de 146 páginas com o título de *Indigenous Woman*. Trata-se de um catálogo (diagramado como revista de moda) em que a artista serviu de fotógrafa, modelo, figurinista, editora, designer, escritora, publicitária e performer — ela elaborou até campanhas falsas de promoção da obra. São fotografias em que a própria artista aparece ostentando adereços indígenas (ela justifica a escolha por sua ascendência guatemalteca), em poses cinematográficas e em cenas de seminudez, às vezes acompanhada por manequins em tamanho natural.

Fig. 1: Indigenous Woman (a)



Fig. 2: Indigenous Woman (b)



Fig. 3: Indigenous Woman (c)



Fonte: Ryan Lee Gallery, 2018

Fonte: Ryan Lee Gallery, 2018

Fonte: Ryan Lee Gallery, 2018

ver com o uso da artista como musa e mais com ocupar um espaço que lhe seria negado: “Ninguém ia me convidar para estampar a capa da *Paris Fashion Magazine*, então pensei: Vou fazer minha própria revista de moda.” (FELLAH, 2020)

Essa ideia de penetração num espaço negado, que Martine chega a descrever como “a conquista espacial, a colonização de um mundo-imagem interdito” (ibid.) pode parecer

estranha, uma vez que ela cumpre perfeitamente as expectativas, em termos de aparência física, esperadas para uma supermodelo.

**Fig. 4:** Indigenous Woman (d)



Fonte: Ryan Lee Gallery, 2018

**Fig. 5:** Indigenous Woman (e)



Fonte: Ryan Lee Gallery, 2018

Martine, no entanto, é transexual<sup>5</sup>.

Entra aqui o dado desviante que se revela, não pela obra à primeira vista (e portanto é essencial a curadoria pedagógica e a construção cuidadosa do circuito de aula pelo arte-educador), mas pelo discurso que, comunicado apenas num segundo momento, pode nos ajudar a encetar o debate pretendido na obra de Martine Gutierrez: sobre padrões de beleza, sobre o que é ser e parecer mulher ou homem, sobre a fluidez de gênero e inclusive sobre etnia, classe social e o papel do observador, na figura do público e do fotógrafo, e do corpo observado — essa modelo que deve satisfazer aos requisitos impostos pela indústria editorial e de moda.

“Lovers: Ten Years On”, de Sunil Gupta, é outra obra com potencial para provocar o debate sobre orientação sexual frustrando a expectativa homofóbica por estereótipos. No catálogo publicado em 2020, ele exhibe cerca de 30 retratos de casais homossexuais capturados em Londres entre 1984 e 1986.

<sup>5</sup> Talvez seja insuficiente falar em transexualidade, uma vez que Gutierrez defende a fluidez de gênero e critica a dicotomia entre cis e transgeneridade. Ver “Martine Gutierrez e a luta pela fluidez”, disponível em: <http://agenciaccq.com/martine-gutierrez-e-a-luta-pela-fluidez/>

**Fig. 6: Roger & Steve**

Fonte: Stanley/Barker, 2020

**Fig. 7: Pas & Brian**

Fonte: Sunil Gupta, 2020

Gupta comenta a mudança na forma como a homossexualidade, sobretudo a masculina, era vista entre as décadas de 1970 e 1980 — mudança relacionada diretamente ao surgimento da AIDS (RAZA; COSTOU; BUSH, 2017). Enquanto a cena londrina dos anos 1970 era de orgulho e aceitação, a década seguinte imprimiu sobre a população LGBT uma pecha desviante, associada à promiscuidade e proliferação de doenças sexualmente transmissíveis.

O trabalho de Gupta, que ele classifica como “uma forma de análise social” (ibid.), em vez de confrontar o alarmismo reacionário acerca da AIDS e da imoralidade atribuída à homossexualidade, procura então o que há de mais ordinário — e até mesmo de conservador — na vida dos casais que retrata.

**Fig. 8: Sue & Yve**

Fonte: Sunil Gupta, 2020

**Fig. 9: Lovers (a)**

Fonte: Janus Books, 2020

**Fig. 10: Lovers (b)**

Fonte: Janus Books, 2020

Não há, em “Lovers”, modelos performáticos, corpos que pudessem ser lidos imediatamente como desviantes. Ao contrário, as fotografias mimetizam o retrato tradicional de família heteronormativa, no ambiente doméstico, às vezes na presença de animais de estimação. “São só casais de classe média comuns, em relacionamentos estáveis e monogâmicos”. (ibid.)

Hoje, as fotografias de Gupta fazem refletir também sobre a tragédia vivida na época: Muitos dos casais retratados foram precocemente vitimados pela AIDS. Elas permanecem, contudo, como registro de corpos e personalidades que nada tem, em si mesmos, de nocivo ou ameaçador. Em tempos de novos radicalismos de direita, pode ser justamente a frivolidade dessas imagens o elemento necessário para evidenciar o que de fato é perigoso e desagregador: o complexo de ódio, medo e ressentimento mobilizado contra a igualdade, a solidariedade e a vida em todas as suas formas de ser.

## 5. PARA UMA FILOSOFIA DA PRÁXIS

O método e as proposições teórico-práticas aqui descritas visam reforçar a necessidade do trabalho educativo situado entre teoria e prática de maneira crítica e transformadora, a fim de repelir todo conservadorismo, todo idealismo, toda metafísica, todo mecanicismo e o estado de transitividade ingênua (FREIRE, 2011) que possam levar o educador a desconsiderar a importância política e social do seu fazer (ou a corrompê-lo), bem como as suas *reais* potencialidades, suas dificuldades e limites.

Antonio Gramsci, o intelectual italiano encarcerado pelo regime fascista de Mussolini, referiu-se ao materialismo histórico-dialético como “filosofia da práxis” (GOMES, 2014) em vez de simplesmente “marxismo”. A razão, muito mais do que tentar burlar, em seus cadernos redigidos no cárcere, a censura fascista, era chamar a atenção para o caráter histórico e filosófico da crítica de Marx à sociedade, em vez de simplesmente reduzi-la a qualquer de suas partes constitutivas.

Uma das razões, talvez a predominante, da redução do materialismo histórico ao metafísico tradicional deve ser buscada no fato de que o materialismo histórico não podia deixar de ser uma fase predominantemente crítica e polêmica da filosofia, enquanto se tinha necessidade de um sistema já completo e perfeito [...] (GRAMSCI, 1999, p. 128).

Uma filosofia da práxis consiste na adoção de uma postura realista e vigilante, pronta a problematizar e duvidar de qualquer solução mística, qualquer receita que aponte para a resolução de um problema a partir do voluntarismo e das boas intenções. Por isso a práxis elege o *trabalho* como elemento central de sua realização: é ele o meio fundamental de reprodução da vida, a forma encontrada pelos seres humanos para intervir e transformar a natureza ao seu redor, a matéria e, com ela, todas as suas relações e ideias. Se não negamos que a educação e o ensino de artes visuais participam de uma finalidade emancipatória e de melhoria constante da sociedade em que vivemos, não podemos rechaçar a importância de conhecer, de forma cada vez mais competente, a história, as ideias e ações coletivas que nos trouxeram até aqui, para que, livres de qualquer vacilação e de qualquer imperativo categórico, nosso trabalho e as táticas que empregamos sejam bem-sucedidas na tarefa de atravessar os tempos difíceis para a educação, a cultura e as artes.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. São Paulo: Unesp, 2020.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1974.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: L&PM, 2018. *eBook Kindle*.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: A aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DOWER, John W. **War without mercy: race and power in the pacific war**. Nova Iorque: Pantheon Books, 1986.

FELLAH, Nadia Rivera. **Searching for an Indigenous Fashion Star, Martine Gutierrez Casts Herself: With her self-made magazine, the Latinx artist challenges notions of gender and cultural identity..** [S. l.], 28 set. 2020. Disponível em: <https://aperture.org/editorial/martine-gutierrez-indigenous-woman/>. Acesso em: 6 maio 2022.

FISHER, Mark. **Realismo Capitalista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FOSTER, Hal. **Underpainting**. In: O que vem depois da farsa? [S. l.]: UBU Editora, 2021. 1. 1169-1382. *eBook Kindle*.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOMES, J. M. **Gramsci, a filosofia da práxis e “as três fontes e as três partes constitutivas do marxismo” de Lênin**. In: VI seminário internacional — teoria política do socialismo. Marília: UNESP, 2014.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, Volume 1: introdução ao estudo da filosofia, a filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GUTIERREZ, Martine. **Indigenous Woman**. [S. l.], 8 maio 2022. Disponível em: <https://www.artsy.net/artwork/martine-gutierrez-indigenous-woman>. Acesso em: 6 maio 2022.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

\_\_\_\_\_. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **A “ideologia de gênero” existe, mas não é aquilo que você pensa que é**. In: HOOKS, Bell *et al*. Educação contra a barbárie: Por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019. *eBook Kindle*.

KING, Jr. **Letter from a Birmingham Jail**. [S. l.], 16 abr. 1963. Disponível em: [https://www.africa.upenn.edu/Articles\\_Gen/Letter\\_Birmingham.html](https://www.africa.upenn.edu/Articles_Gen/Letter_Birmingham.html). Acesso em: 7 de maio de 2022.

LUKÁCS, George. **História e consciência de classe**. Porto: Escorpião, 1974.

MAO Tsé-Tung. **Sobre A Guerra Prolongada**. São Paulo: Baioneta, 2019.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011. *eBook Kindle*.

\_\_\_\_\_. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Boitempo, 2009. *eBook Kindle*.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, 2007. *eBook Kindle*.

\_\_\_\_\_. **O Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998.

MILLER, Frederic P.; VANDOME, Agnes F.; MCBREWSTER, John. **Shinmin No Michi**. Saarbrücken: VDM Publishing, 2010.

MIRZOEFF, Nicholas. **An introduction to visual culture**. Londres: Taylor & Francis Routledge, 1999.

**Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**: As origens políticas e econômicas do nosso tempo. Lisboa: Edições 70, 2012. *eBook Kindle*.

RAZA, Nada; COSTOU, Elsa; BUSH, Kate. **Ian and Julian, from the series Ten Years On**. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/gupta-ian-and-julian-from-the-series-ten-years-on-p13784>. Acesso em: 8 maio 2022.

TOMKINS, Calvin. **The Epic Style of Kerry James Marshall**: The artist, a virtuoso of landscape, portraiture, still-life, history painting, and other genres of the Western canon since the Renaissance, can do anything. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2021/08/09/the-epicstyle-of-kerry-james-marshall>. Acesso em: 8 de maio de 2022.

TROJAN, Rose Meri. **Estética pós-moderna ou estetização do real?** Impactos no trabalho e na educação. In: SCHLESENER, Anita Helena, MASSON, Gisele, SUBTIL, M. J. D. (orgs.) **Marxismo(s) e educação**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016. *eBook Kindle*.